

21

FEV 1988

Eleições sim, mas para mudar

SÉRGIO CARDOSO DE ALMEIDA

A população brasileira perdeu a confiança nos seus políticos, principalmente no presidente da República. A Nova República era a esperança e todos já estavam enfiados dos governos militares, que, bem ou mal, tinham atingido altos índices de popularidade nos seus primeiros dez anos, quando se abandonou a política pela ordem e desenvolvimento. Na parte final, os governos militares se deixaram dominar por corruptos e novos ricos que brotaram do rápido desenvolvimento e das milhares de obras construídas por todo o território brasileiro. O progresso do País foi tão expressivo que se chegou, internacionalmente, a denominá-lo de "milagre brasileiro". A falta de um rígido controle moral dos dirigentes e de uma adequação moderna da nossa burocracia facilitou o surgimento de grandes negociatas e do hábito de participação dos governantes federais, estaduais e municipais nas porcentagens cada vez maiores sobre os investimentos do Estado.

A criação rápida do mecanismo financeiro para o financiamento do consumidor interno dos produtos da nossa indústria não previu os rombos e os golpes de financeiras diri-

das por aventureiros que acabaram por desmoralizar os governos militares, que as socorreram, apavorados com o possível desmoronamento do sistema inovado.

Quando a Nova República chegou, a impressão que o povo tinha era de que a moralização viria e a democracia iria extinguir todas as mazelas e liquidar o autoritarismo.

Praticamente três anos são passados e o que se vê é a corrupção elevada ao seu mais alto grau, colocando em risco até o Palácio do Planalto e, além disso, em virtude da incompetência dos novos dirigentes, arruinou-se a nossa economia. Em grande desespero, alguns representantes da sociedade, sindicatos e órgãos de imprensa, preocupados com o retrocesso democrático, apelam para eleições gerais este ano.

Seria uma solução se não fosse acontecer a volta dos mesmos, para tudo continuar como está e o caos chegar mais depressa.

Para que eleições gerais sejam o remédio para todos os males, elas teriam de ser diferentes. Não poderiam ser financiadas por "caixinhas" dos governadores nem pelo prestígio de nomeações, tampouco com recursos de empresas que operam com os governos e suas estatais.

O gasto na eleição deveria ser controlado seriamente, sendo proibido o uso de camisetas, brindes com o nome dos candidatos e outras formas de comprar votos.

Os partidos políticos estão fartos de saber que inúmeros candidatos dependem mais de cem vezes o permitido por lei e que são seus próprios representantes que aprovam essas contas, mutuamente, sem discussão.

Antes dessa eleição geral se deveria proibir que congressistas se dobrassem ao Executivo, pedindo e recebendo favores, tais como: nomeações de seus cabos eleitorais em órgãos de governo, principalmente os de saúde, educação e habitação.

Enfim, que todos os que se candidatarem tenham em mira governar bem o País, para no futuro serem julgados pelas suas ações e não pelas habilidades egoístas e impatrióticas de só levarem vantagem do governo e serem eleitos continuamente, rindo como hienas da miséria do povo.

Eleição geral este ano, sim, mas com eleição moralizada, policiada e purificada, e não a volta dos mesmos, com os mesmos métodos, decepcionando novamente os brasileiros.

Sérgio Cardoso de Almeida é ex-deputado federal pelo PDS de São Paulo